



Universidade
Estadual da
Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

WAGNER FÉLIX DOS SANTOS

**IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE DO USO DA
ICONOGRAFIA NOS LIVROS DE HISTÓRIA.**

**CAMPINA GRANDE
2018**

WAGNER FÉLIX DOS SANTOS

**IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE DO USO DA
ICONOGRAFIA NOS LIVROS DE HISTÓRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Matusalém Alves
Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237i Santos, Wagner Felix dos.
Imagens que contam história [manuscrito] : uma análise do uso da iconografia nos livros de história / Wagner Felix dos Santos. - 2018.
22 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Ensino de história. 2. Iconografia. 3. Livro didático. 4. Fontes visuais. 5. Fontes históricas. I. Título
21. ed. CDD 372.89

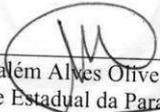
WAGNER FÉLIX DOS SANTOS

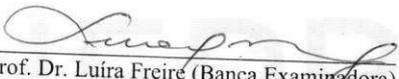
IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA NOS • LIVROS DE HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

Aprovada em: 06/12/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Luíra Freire (Banca Examinadora)


Prof. Dr. Flávio Carreiro (Banca Examinadora)

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por ter me dado força pra ter chegado até aqui, também agradeço a minha mãe, minha esposa por ter me apoiado ao longo dessa caminhada. Agradeço a cada professor que no decorrer do curso me transmitiu conhecimentos que irei levar comigo pra o resto da minha vida. Também dedico este trabalho a um grande amigo e irmão que partiu pra outra dimensão: Wellington Barbosa da Silva.

AGRADECIMENTOS

Ao Meu Orientador Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira, todo o meu agradecimento por ter aceitado me orientar nesse trabalho, que muito significa para mim.



“As mãos que ajudam, são mais sagradas do que os lábios que rezam.” Madre Tereza de Calcutá.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: PÁGINA 68 do livro <i>Vontade de Saber</i>	18
Figura 2: <i>ROCCO, Antonio. Os imigrantes, tela, c. 1910, Pinacoteca de SP</i>	19
Figura 3: PÁGINA 78 do livro <i>Vontade de Saber</i>	20
Figura 4: PÁGINA 256 do livro <i>Vontade de Saber</i>	21

LIVRO BASE DA PESQUISA

PELLEGRINI, Marco César. **Vontade de Saber, 9º ano**/ Marco César Pellegrini, Adriana Machado Dias, Keila Grinberg. – 3. Ed. – São Paulo: FTD, 2015.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. A ICONOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA.....	09
2.1. Uma Nova Fonte.....	09
2.2. O Uso da Fonte Iconográfica Na Sala de Aula.....	11
3. O LIVRO E SUAS IMAGENS.....	12
3.1 Pocinhos, um local.....	12
3.2 Lendo História nas Imagens.....	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
ABSTRACT.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA NOS LIVROS DE HISTÓRIA

Wagner Félix dos Santos ¹

RESUMO

A incorporação e valorização das novas fontes históricas, inclusive as fontes visuais, possibilitadas pela Nova História, pelo advento da tecnologia e por uma nova visão sobre os documentos históricos, permitiu aos historiadores expandir as questões estudadas, seus interesses e suas investigações. Neste artigo, depois de abordar um breve estudo sobre as fontes visuais, estudaremos seu uso nos Livros Didáticos, especificamente no 6º ano do Ensino Fundamental. Verificamos que muitos livros utilizam imagens apenas como complemento ao texto e que os alunos e alunas não têm uma boa compreensão das fontes iconográficas, para debatermos esse tema e buscar um melhor uso dessa riquíssima fonte histórica, iremos verificar sua presença nos livros didáticos, tratando-as como documentos, investigando os seus processos de seleção com uma visão crítica e imparcial. Os usos de imagens devem nos permitir fazer novas perguntas que vão além de mera ilustração, buscando o próprio protagonismo dessa fonte como de seu uso em conjunto com o texto para um melhor entendimento dos alunos e alunas nas instituições de ensino.

Palavras-chave: Fontes iconográficas; Livros; alunos\alunas; análise.

1 INTRODUÇÃO

Em convívio com diversos colegas professores, amigos e amigas que já exercem a profissão, com antigos professores e professoras, no tocar aos debates que se referem aos livros didáticos temos observados que há na verdade muitas queixas sobre de que forma as imagens aparecem nos livros e, principalmente, da pouca absolição das informações por parte do alunado e do modo como as imagens são apresentadas nos livros didáticos, tornando-se um problema de relevância para análise, tanto por sua importância como por seu valor histórico.

As imagens que aparecem nos Livros didáticos hoje, muitas vezes são puramente ilustrativas não contribuindo tanto com o repasse do conhecimento, e mesmo corretamente inserida no contexto estudado, ainda assumem um papel secundário em relação aos textos, contudo podemos observar que nos exames e concursos as imagens cada vez mais ganham importância e autonomia. Desde modo procuraremos identificar se estas são tratadas com as devidas importâncias pelas Editoras, pelos docentes e pelo alunado.

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email:

No processo de Ensino\aprendizagem, percebemos que no que se referem os recursos didáticos, restringindo nosso estudo ao dito Ensino Público, o Livro Didático ainda é o elemento mais utilizado. Desde podemos tirar diversas inquietações sobre o processo de ensino\aprendizagem tanto no sentido de utilidade, de importância no processo, como também nas críticas que são direcionadas ao mesmo. Dentro dessa gama de possibilidades escolhemos trabalhar como as imagens contidas nesses livros são analisadas, vistas e compreendidas pelos alunos e alunas no processo de sua aprendizagem.

Para tal trabalho iremos analisar um Livro de História que esteja sendo plenamente utilizado em uma Escola Pública do Município de Pocinhos na Paraíba, com apoio teórico de diversos autores que trabalham a questão das imagens, do ensino de história e do poder público, visto que podemos fazer um contra ponto colocando de um lado a suposta intenção do autor ou autores do livro em usar certa imagem e como essa imagem é entendida pelo aluno, observando se o objetivo do ensino\aprendizagem foi alcançado ou não e desde modo verificar a eficácia do Livro Didático ou não neste processo.

Esse trabalho passa por uma preocupação de se pesquisar a utilização das imagens nos livros didática de uma Escola Pública no Município de Pocinhos, verificar sua importância e utilização e ao mesmo tempo contribuir para a historiografia contemporânea, principalmente no que diz respeito às fontes históricas icnográficas.

O caso é particularmente atraente por poder fazer um trabalho interdisciplinar entre História e Arte no campo interdisciplinaridade.

Assumindo a responsabilidade de futuro historiador, e sendo pesquisador ligado academia/instituição UEPB, procuramos estarmos atentos às tendências da história contemporânea, nos levando a uma produção voltada para a Paraíba, em um espaço/tempo Pocinhos na atualidade, principalmente no tocante à análise dos livros trabalhados na rede pública, preferindo uma pesquisa bibliografia.

2 A INCONOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA

2.1. Uma Nova Fonte:

As imagens sempre tiveram um papel de grande importância na história da humanidade, desde as pinturas rupestres, às artes plásticas, da escultura a fotografia, do cinema as mídias virtuais hoje, as imagens sempre tiveram um papel de destaque, contudo só

mais recentemente que elas foram consideradas uma fonte histórica com valor científico\histórico, e com elas vieram às teorias sobre sua leitura, sua interpretação, seu uso e sua validade em os diferentes campos em que eles podem ser usados. Isto foi possível pelas diferentes concepções do que é a história e o papel do historiador, da abrangência das fontes históricas, o papel da memória e suas relações com a história, bem como a relações diversas entre todos esses elementos. Abordar essa questão envolve repensar como hoje essa fonte tão rica é abordada nos livros didáticos e como são recebidas e processadas pelos alunos e alunas.

Partimos da concepção de que a palavra "imagem" tem muitos significados. Podemos falar sobre imagens visuais (fotos, gravuras, ilustrações...), mas também de imagens mentais, imagens verbais, imagens sociais, imagens consciente e inconsciente, tornando fontes fundamentais para o trabalho do historiador tanto nas pesquisas físicas, materiais, como nas pesquisas orais advindas das memórias. O que a princípio parece ser um campo simples, na verdade é uma fonte histórica gigantesca, com milhares de possibilidades de seu estudo, nesse sentido nos limitaremos às imagens iconográficas que aparecem nos livros de História do Nono ano do Ensino Fundamental.

Em uma breve reflexão podemos imaginar a importância que as pinturas rupestres tinham para os povos que as produziam retratando seu cotidiano e suas superstições, no processo de vivência e de repassar essas informações para gerações futuras, em um recorte grande podemos refletir sobre a fotografia, que nasceu com a pretensão de captar a verdade, a realidade das coisas, de mostrá-las como eles são ou como eram nesse princípio ainda não era levado em conta para seu estudo a intencionalidades dos produtores das imagens, sendo que hoje em dia o estudo da intencionalidade é tão importante como a imagem em si. Temos assim um processo de aprendizagem mais amplo da história, ao utilizarmos diversas fontes.

Um dos principais significados apontados para a aprendizagem histórica é transformar informações em conhecimentos, apropriando-se das ideias históricas de forma cada vez mais complexa, no sentido da construção de uma *literacia* histórica, ou seja, de seu próprio processo de alfabetização histórica [...]. (SCHMIDT, 2009, p. 66)

Atualmente as fontes iconográficas são utilizadas como ferramentas para promover a compreensão, com todas as análises que, de acordo com cada caso, são necessárias, para compreensão dessas fontes, a sua interpretação, a sua utilização como fonte histórica, exige um processo trabalhoso, ético e atencioso por parte dos historiadores. O advento dessa fonte

histórica enriqueceu bastante o trabalho historiográfico e possibilitou a interdisciplinaridades das disciplinas, a interação entre professores de competências distintas, o diálogo, por exemplo, entre história e arte.

2.2. O Uso da Fonte Iconográfica Na Sala de Aula

Quando falamos em uso das imagens como fontes históricas, falamos no conceito de alfabetização visual, onde é necessário introduzir ferramentas para que os alunos adquiram um desenvolvimento no uso de imagens, isso implica diretamente em uma alfabetização visual correta, em um desenvolvimento voltado para a interpretação, para uma visão ampla do tema, com cuidado nas intencionalidades das imagens, questão que pede primeiramente uma capacitação dos professores e professoras, para que com maestria possam encaminhar o desenvolvimento dos alunos e alunas. Temos com isso a possibilidade de identificar e possibilitar que o alunado tenha uma interpretação responsável da imagem, o que acarreta uma mudança de perspectiva que permita aos educandos adquirir uma visão crítica. Para tal, uma correta leitura e interpretação são fundamentais na busca em promover uma abordagem crítica dos fenômenos históricos expostos, ou intencionalidades expostas, e como essas se relacionam com o texto e o ensino histórico, contribuindo para o desenvolvimento do espírito crítico enquanto amplia o pensamento histórico. Através da promoção do pensamento histórico, os alunos adquirem competências e habilidades, para se posicionar diante as imagens, as suas intencionalidades, analisando e fazendo seu próprio julgamento.

As fontes iconográficas nos Livros Didáticos são um dos recursos de sala de aula mais utilizados, é através de seu estudo e observando o seu uso, que podemos identificar como a história é ampla e pode ser ensinada na sala de aula até mesmo com uma perspectiva das fontes visuais. Uma aula, um debate, trabalho ou projeto pode conter em sua base as fontes visuais, análise de imagens, intencionalidades, contexto histórico, em uma vertente interdisciplinar, pode ser trabalhado junto com Artes, Filosofia, literatura, produção textual, sem dúvida uma riquíssima fonte:

No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A possibilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esses que diz respeito ao projeto em si, às instituições e a ele pertencente. (FAZENDA, 2011, p. 17)

Nessa concepção de imagem como documento, claramente temos a necessidade de pesquisar e desenvolver sua análise, dentro de cada área, mas voltada para questão multidisciplinar, buscando um desenvolvimento do tema, podemos chamar de um despertar iconográfico, visto que há claramente a necessidade de iniciar a chamada alfabetização visual. Entendendo que as imagens são ferramentas fundamentais para o desenvolvimento crítico e de uma postura mais segura e correta diante as situações que se apresentam tanto no âmbito educacional como na vida complementar, os estudos das fontes iconográficas são de grande relevância no processo de formação dos discentes.

O educador que trabalha a interdisciplinaridade na sala de aula preenche a lacuna entre a teoria e a prática entre o contextualizar e o fazer. Contextualizar é estabelecer relações. Nesse sentido, a contextualização no processo ensino-aprendizagem é a porta aberta para a interdisciplinaridade (BARBOSA 1998, p. 38)

Os estudos dessas fontes iconográficas se justificam no contexto atual, já que a cultura visual é cada vez mais atuante no campo escolar e nos livros didáticos assim como em toda vivência, somos praticamente bombardeados por imagens. A imagem no livro didático de história tem abordagens complexas, com rostos e focos de interesse que podem ir além da análise de suas mensagens. Um dos pontos de atenção nos quais a, mas importantes tem se concentrado no modo como os acontecimentos históricos são representados por meio das imagens, levando a ideia que uma imagem em si pode conter e contar uma parte do passado histórico e seus estudos ter a própria imagem como fonte riquíssima de saber, sempre sem desconsiderar sua intencionalidade, tendo seu uso didático como uma fonte documental gráfica muito importante, na produção do conhecimento histórico.

3 O LIVRO E SUAS IMAGENS

Durante muito tempo, principalmente na imposição positivista, o texto tido como “verdade” eram os textos ditos oficiais, escrito, essas influências estiveram presentes nos livros didáticos que quando apresentavam imagens eram meras ilustrações. As imagens foram sendo aos poucos colocadas com uma perspectiva de complementar o texto escrito, e principalmente depois da Nova História foi tida como uma fonte riquíssima e com seu protagonismo valorizado e podendo ser considerado uma fonte histórica.

3.1. Pocinhos, um local.

A cidade de Pocinhos localizada na parte ocidental do Planalto da Borborema, primeiramente habitada pelos nativos tarairiús, comumente confundidos com os cariris, graças as generalizações advindas dos portugueses, os tarairiús eram tidos como muito bravos e guerreiros, também fama adquiridas pelos pocinhense (senso comum implica que os pocinhense são bravos) no período posterior a emancipação política que se deu no ano de 1953, dia 10 de dezembro, data comemorativa da cidade.

Sua história da ocupação branca estar iniciado no século XVIII. Em meados do mesmo a região era atravessada pelos tropeiros que viajavam grandes regiões do estado, pela presença de vários poços de água, era ponto de parada, e daí vem a origem do nome Pocinhos (lugar onde havia vários poços). A sua ocupação é atribuída a José Ayres Pereira, na década de 1790, onde construiu a primeira casa e a primeira capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, a mesma é a Padroeira da Cidade que festeja sua data.

Em 1762, ao levar seu gado para pastar além dos limites do Sítio Campos do Oriá, os vaqueiros [...] acham um poço a que chamam “Olho d’Água do Bravo”, onde hoje se localiza o Açude Municipal de Pocinhos [...] a descoberta [...] permitiria a passagem do gado entre o Sertão e o Brejo [...] (RIBEIRO, 2013, p. 28)

A cidade tem em torno de 18 mil habitantes, segundo estimativas do IBGE, é ponto turístico pela sua geografia que contem grandes lajedos de pedra e grande concentração de sítios rupestre e até com fosseis de grandes animais já instintos. Pocinhos tem vários centros de ensino, uma Escola Estadual que detém o ensino médio e as demais municipais que vão de creches até os anos finais do ensino fundamental. No ensino fundamental a educação avaliada pelo IDEB (fonte do IBGE) oscila de 4,2 nas séries iniciais do ensino fundamental para 3.9 nas séries finais do mesmo. O município que já teve o maior colégio municipal da Paraíba, o Padre Galvão e sempre foi referência no ensino, hoje se enquadra na triste realidade nacional de baixa qualidade educacional e pouco rendimento nos avaliadores como o IDEB.

Para nosso artigo preferimos fazer um recorte utilizando uma escola municipal pocinhense justamente para contribuir ao mesmo tempo em que se constrói uma historiografia regional também uma historiografia local, tão carente de atenção por parte de seus habitantes que muitas vezes se dedicam a temas mais afastados da nossa realidade municipal. Na

contramão desses pesquisadores vamos analisar um livro utilizado na nossa cidade contribuindo para a história de nossa cidade.

3.2. Lendo História nas Imagens:

Para nosso trabalho utilizamos algumas páginas do Livro de história utilizado no nono ano do ensino fundamental no Colégio Municipal Padre Galvão em Pocinhos, Livro Vontade de Saber da Editora FTD, informando que não temos nenhum contato com a direção da escola nem fazemos parte do processo de escolha de nenhum livro didático, é a penas o livro utilizado e fonte de pesquisa. Para tal utilizaremos a seguinte estratégia recortar uma página analisar o tema histórico, o texto escrito e a imagem ou imagens, como estas aparecem, se há complemento de informação, faz parte do contexto histórico, como esta interage com o texto escrito, e tentar verificar seu protagonismo, em uma atividade intelectual identificar os principais motivos que levam os discentes a entender ou não a imagem como fonte histórica. Como afirma Alberto Manguel:

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas -, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias [...] conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001, p. 27)

Entendendo assim a importância da imagem, vamos começar analisando a página 68 do livro:

A grande imigração

Estrangeiros vieram para o Brasil em busca de melhores condições de vida.

► A República investe na imigração

No início da República, ocorreu no Brasil a chamada "grande imigração". Nesse período, muitos estrangeiros deixaram seus países de origem e vieram se estabelecer no Brasil.

O contexto europeu

A maioria dos imigrantes que vieram para o Brasil no início da República era de origem europeia. Nessa época, estava ocorrendo um aumento populacional em toda a Europa. Muitos trabalhadores do campo estavam sem trabalho e foram para as cidades, onde também não havia empregos para todos nas fábricas e na prestação de serviços. Além disso, em muitas regiões da Europa, a população sofria com os malefícios provocados por guerras. Para os europeus pobres, o Brasil era visto como um país onde era possível conseguir trabalho e melhorar de vida.

! Subsídio: ajuda em dinheiro, fornecida pelo Estado.

Desde a época da proibição do tráfico de escravos africanos, em 1850, diversos grupos da elite brasileira compartilhavam a ideia de que era necessário trazer imigrantes para o Brasil, a fim de substituir a mão de obra escrava. Com a abolição da escravidão, em 1888, grande parte da elite brasileira aderiu a essa ideia.

O governo republicano deu grande incentivo à imigração para o Brasil, investindo no subsídio da viagem das famílias de imigrantes. Os principais grupos que vieram para o Brasil nesse período foram os de origem italiana, portuguesa, espanhola, alemã, japonesa, libanesa e síria.

Cada um desses grupos de imigrantes possuía sua própria cultura e ao se integrarem à sociedade brasileira, deram uma grande contribuição para a diversidade cultural presente em nosso país.

► Imigrantes no campo

Muitos imigrantes que vieram para o Brasil durante a Primeira República foram trabalhar nos cafezais. O tipo de contrato estabelecido entre os imigrantes e os grandes proprietários era o **colonato**. De acordo com esse tipo de contrato, todos os integrantes da família, incluindo homens, mulheres e crianças, deveriam trabalhar na lavoura de café. Em troca, cada família recebia uma parte do café colhido e uma pequena remuneração.

Os imigrantes moravam em pequenas casas localizadas nas sedes das fazendas. De acordo com o colonato, eles podiam utilizar pequenos lotes de terras, onde cultivavam cereais e legumes para sua subsistência, vendendo o excedente de sua produção.



Imigrantes italianos trabalhando em um cafezal, no estado de São Paulo, no início do século XX.

Geralmente os imigrantes eram proibidos de se retirar das fazendas em que trabalhavam sem a autorização do proprietário. A situação de submissão se agravava ainda mais, pois os contratos estabelecidos com esses proprietários previa a quitação das dívidas da migração, obrigando-os a permanecer nas fazendas. Além disso, frequentemente eram vítimas de maus-tratos e acabavam fugindo para outras fazendas ou para as cidades, em busca de melhores condições de vida. Porém, muitos imigrantes conseguiram economizar dinheiro suficiente para comprar seu próprio pedaço de terra ou abrir um negócio na cidade.

68

IMAGEM 01

Obviamente os livros mudam, os autores e editoras têm perspectivas diferentes e retratam os temas e seus conteúdos de formas diferentes, mas iremos nos dedicar a nossa fonte de pesquisa. A página 68 inicia um tema muito relevante para formação do país, que se trata da grande imigração ocorrida no início do século XX. Verificando a imagem, podemos ver a grande quantidade de texto escrito em detrimento ao texto iconográfico. Além do mais a única imagem que aparece estar localizada na margem inferior da página, por se tratar de uma foto da época estar em preto e branco e bastante desfocada pela qualidade da foto. O contexto estar inserida de forma positiva e há um diálogo com o texto escrito. O discente atento pode fazer uma analogia com a imigração e identificar que italianos faziam parte dela e que estes trabalhavam nos cafezais.

Por outro lado, a imagem em relação a texto escrito não tem a mesma ênfase do autor, ela apenas completa o texto escrito ou concorda com o mesmo. A imagem em si não gera

atração ao alunado, em um mundo tão digital com tanta presença das imagens, esta ilustração não vai reter a atenção do aluno, apesar de uma grande fonte histórica não será apreciada pela maioria, tento como alternativa a astúcia dos docentes em trazer a imagem para o debate.

Uma forma mais eficaz de tratar a imagem seria trazer uma pintura da época, trabalhar o artista, o contexto histórico e a partir dela como na imagem:

FIGURA 02:



Antônio Rocco, . Os imigrantes, tela, c. 1910, Pinacoteca de SP

Inserida no mesmo contexto histórico traz uma gama de cores, expressões dramáticas, o que para a maioria do aluno causaria um impacto maior, levando a uma discussão mais atrativa sem sair do texto trabalhado, e em seguida poderia vir à fotografia trabalhando com uma autoridade de maior realismo, contudo o mais importante é desenvolver o interesse e o despertar crítico, segundo Albert “Para o bem ou para o mal, toda obra de arte é acompanhada por sua apreciação crítica, a qual, por sua vez, dá origem a outras apreciações críticas. [...] (MANGUEL, 2001, p. 30).

A partir de uma página podemos observar muito sobre os motivos dos alunos e alunas terem tanta dificuldade para compreender uma imagem. Há a necessidade de haver uma capacitação dos professores para poder saber trabalhar essa grande fonte histórica, como também boa vontade das editoras em expor as imagens como maior protagonismo desenvolvendo a maior habilidade dos discentes em se posicionar diante a representação do momento histórico.

Na página 78 do mesmo livro temos:

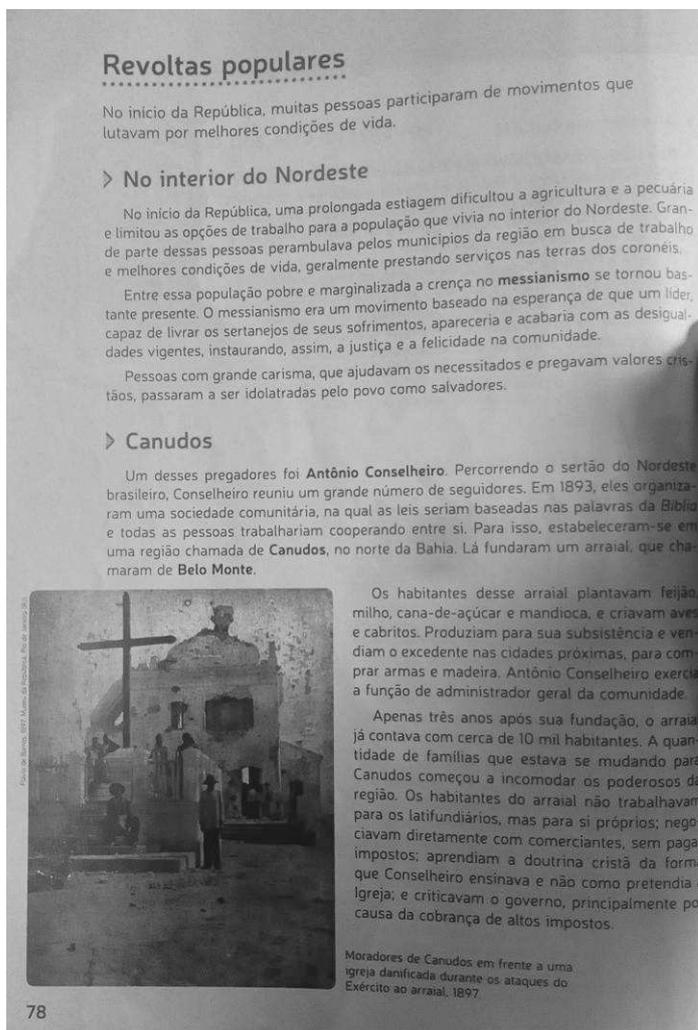


FIGURA 03

Trabalhando mais um recorte, no contexto das revoltas populares, no final do século XIX tivemos Canudos, famosa comunidade comandada por Antônio Conselheiro. Mas uma vez os autores preferiram trabalhar uma fotografia, no mesmo local da anterior, canto inferior da página. A imagem é riquíssima, retratada a religiosidade, a população carente, muito significativa, esta imagem por si parece mais completa que o texto escrito e teria protagonismo em relação ao mesmo. Contudo sua posição no texto a deixa em segundo plano. E o simples fato da imagem estar além de na parte inferior, estar no canto esquerdo a torna menos expressiva porque logicamente o discente que estar se dedicando ao texto tem sua atenção também voltada para próxima página e sendo a assim a imagem fica fora do campo de visão.

Mais uma vez, se torna necessária a habilidade do docente para se esquivar das dificuldades e trazer à tona o uso de fonte iconográfica. Mas de que forma? Obviamente por meio da sua didática. O professor ou professora preparada pode de modo perspicaz, direcionar suas aulas com ênfase na imagem e ao término fazer as atividades com base no estudo da imagem, e por vezes pedir pesquisa que complemente o tema. Até mesmo porque é muito mais fácil e comum, um aluno ou aluna produzir um texto a partir de uma imagem, do que produzir uma imagem a partir da leitura de um texto apenas.

Já verificando o caso da página 256:

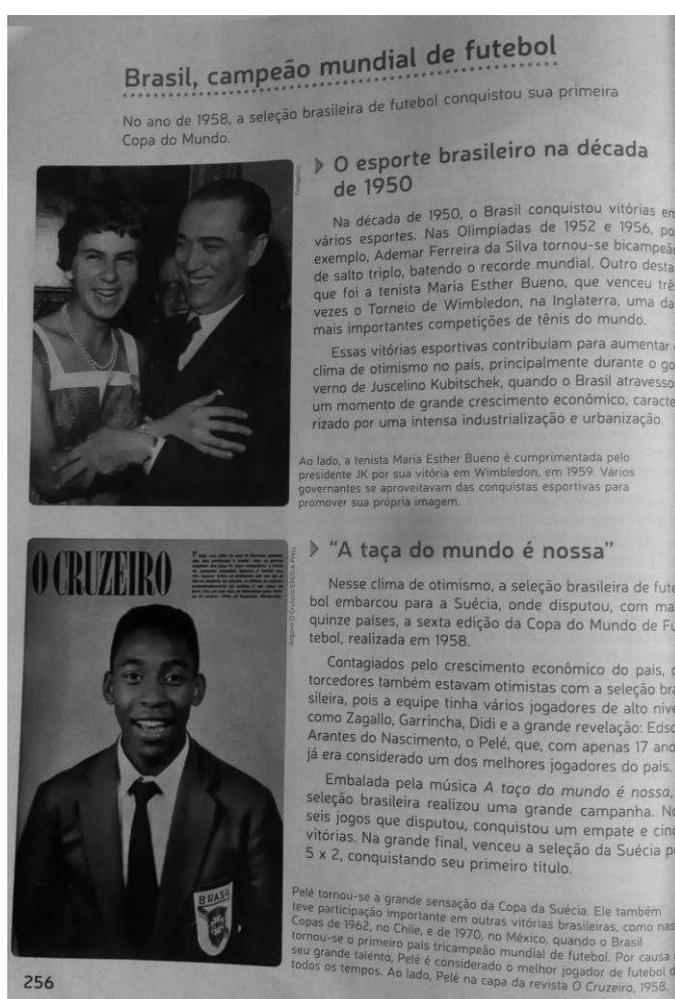


FIGURA 04

Nesta página do livro estudado, verificamos uma boa interação entre imagem e texto. Como tema a Copa do Mundo de futebol do ano 1958 e as Olimpíadas da mesma década, mostra por um lado esportistas como Pelé e a tenista Maria Esther Bueno e de outro Juscelino Kubitschek, facilmente verificado como a política caminhou junto com as figuras do esporte,

se apropriando dessa popularidade para seu governo. As imagens não sobrepõem o texto escrito nem esse as imagens, o que temos é uma equivalência onde as atenções são divididas.

O recorte se mostra como uma prática eficaz da interação entre texto e imagem, o discente tem muito perto duas versões da história que ao mesmo tempo se completa interagindo e que pode ser fruto de em uma análise mais profunda ver quais as intenções de quem produziu tais imagens. Sem dúvida uma fonte riquíssima de saber histórico dentro de uma perspectiva de história mais moderna e ampla:

É importante ressaltar que para a construção do saber histórico na perspectiva da Nova História há que se ter alguns cuidados para que a ciência histórica não assuma um caráter simplista [...] É necessário ampliar, levar a criança a refletir sobre diferenças e semelhanças, incitá-la a procurar os porquês e a tirar conclusões pessoais. (HIPOLIDE, 2009, p. 18)

Vemos assim que um livro pode conter diferentes representações das imagens, e que estar podem aparecer de forma a facilitar ou dificultar o ensinamento do docente e a aprendizagem no discente deixando a prática do ensino de história mais rica. O ideal seria cada vez mais a prática de por imagens e texto com mesmo protagonismo para que o desenvolvimento do alunado seja muito mais eficaz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso artigo se dedicou a analisar o uso das imagens no livro didático, utilizando o local Pocinhos, Paraíba, analisando recortes de um livro utilizado no nono ano do ensino fundamental do Colégio Municipal Padre Galvão. Procuramos fazer um breve levantamento histórico sobre a imagem e sua importância, principalmente em uma sociedade com a iconografia tão presente, seja no real ou virtual.

Vemos assim que não é tão complexa a missão de dar seu devido protagonismo à imagem, entendendo-a como fonte riquíssima de saber, de cultura. Hoje cada vez se faz mais necessária à leitura correta da imagem, exames, concursos às exigem cada vez mais essa competência, não obstante o próprio cotidiano é repleto de imagens e de intencionalidades, seja nas redes sociais ou no marketing, e a Escola como formadora e ferramenta para possibilitar até mesmo uma defesa perante a quantidade de informações diárias, deve se dedicar muito mais ao uso dessa riquíssima fonte histórica.

Assim, os usos de imagens nos livros didáticos são de muito valor, de grande utilidade para os docentes e discentes na prática educacional, como para as próprias análises de historiadores e se justifica como fruto do trabalho e pesquisa contido nesse artigo. O processo de aceitação das imagens como fontes históricas foi longo e de modo semelhante o processo de entendimento dessas fontes contidas nos livros didáticos merece uma análise, mesmo de forma inicial, mas com devido cuidado e imparcialidade.

O trabalho de interação texto/imagem pode ser mais ativo e eficiente se houver a capacitação dos docentes e despertar o interesse no alunado. Agindo desse modo, o discente tem em suas mãos mais de uma fonte para compreender o assunto. Podendo assim se posicionar de forma crítica sobre o tema. No processo de ensino aprendizagem os discentes podem a partir do texto e da imagem verificar as intenções: intenções de quem produziram, dos que as usaram dentro do contexto histórico, intenções da editora e autores do livro, como do próprio docente que dá a aula, pós a maior contribuição da escola e despertar o protagonismo de cidadãos crítico e éticos.

ABSTRACT

The incorporation and incorporation of new resources into historical sources, including visual sources, allowed the expansion of the stories studied, their interests and their investigations. In this article, after a brief study on visual sources, we use it in Didactic Books, specifically in the 6th year of Elementary School. What is better to understand with the complement to the text and that the students do not have a good understanding of the iconographic sources, to debate the subjects and to have a better use of the rich source? As documents, investigating your selection processes with a critical and unbiased view. The uses of images shall not allow new questions that will beyond the metered illustration, seeking the same protagonism as their use in text with the text students are the educational students in education.

Keywords: Iconographic sources; Books; students \ students; analyze.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Amália. Interdisciplinaridade. In: Ana Mae Barbosa (Org.) **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002..
- BRASIL MEC. Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Parâmetros curriculares nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL MEC. Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Parâmetros curriculares nacionais: História. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Parte IV; Ciência Humanas e suas tecnologias**. Arte. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Parte IV; Ciência Humanas e suas tecnologias**. História. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Elaboração de Projetos: Guia do Cursista**. PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de (Orgs.). Brasília, 2009.174p.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Práticas interdisciplinares na escola: Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa**. Ivani Catarina Arantes Fazenda (coord.) 12. Ed: São Paulo: Cortez,2011.
- FERREIRA, Sandra Lúcia. **Práticas interdisciplinares na escola: introduzindo a noção interdisciplinaridade**. Ivani Catarina Arantes Fazenda (coord.) 12. Ed: São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire**. - São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996(Coleção de Leitura)
- HIPOLIDE, Márcia Cristina. **O ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental: metodologias e conceitos/ Márcia Cristina Hipolide**. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio.**/ Alberto Manguel: tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Marilda e Hernández, Fernando. **Formação do professor e o ensino de das artes** Visuais/(orgs). – Santa Maria, Ed. UFSM, 2005. 232 P.: il./OSTROWER, Fayga Criatividade e processos de criação, 23 ed. – Petrópolis, vozes, 2008.

PENÃ, Maria de Los Dolores J. **Interdisciplinaridade: questão de atitude, práticas interdisciplinares na escola**/ Ivani Fazenda, coordenadora - 12. ed - São Paulo: Cortez, 2011.

RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**/ Roberto da Silva Ribeiro. – 2. Ed. – Campina Grande: RG Editora, 2013.

SCHMIDT, Maria auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004 .